

Economia

7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 24 de janeiro de 2026

Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dab.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)



Bolsas
Na sexta-feira
1,86%
São Paulo

Pontuação B3
IBovespa nos últimos dias
164.849 **178.858**
20/1 21/1 22/1 23/1

Na sexta-feira
R\$ 5,286
(+0,03%)

Dólar
Últimos
19/janeiro 5,364
20/janeiro 5,361
21/janeiro 5,321
22/janeiro 5,284

Salário mínimo
R\$ 1.621

Euro
Comercial, venda
na sexta-feira

R\$ 6,245

CDI
Ao ano

CDB
Prefixado
30 dias (ao ano)

Inflação
IPCA do IBGE (em %)
Agosto/2025 -0,11
Setembro/2025 0,48
Outubro/2025 0,09
Novembro/2025 0,18
Dezembro/2025 0,33

MERCADO FINANCEIRO

Bolsa fecha semana de recordes sucessivos

Instabilidade no cenário geopolítico global e preços atrativos dos papéis brasileiros motivaram os investidores externos

» PEDRO JOSÉ*

O Ibovespa registrou mais um movimento de alta, ontem, levando o índice a um novo recorde histórico — o quarto em cinco dias. No fechamento, o principal indicador da bolsa brasileira subiu 1,86%, aos 177.856 pontos, depois de ultrapassar, no meio da tarde, a marca dos 180 mil pontos. O dólar manteve-se praticamente estável, com alta de apenas 0,03%, cotado a R\$ 5,2895.

Na véspera, a moeda norte-americana havia recuado 0,67%, fechando a R\$ 5,287 — o menor nível desde de novembro do ano passado.

Devido às incertezas econômicas provocadas pelas medidas do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a atenção dos investidores tem se voltado à dinâmica recente dos ativos globais.

Indicadores de atividade, sinais de redução nas tensões geopolíticas e um fluxo maior de capital estrangeiro contribuíram para que os mercados brasileiros operassem com otimismo, ontem. Enquanto a Bolsa brasileira comemorava mais um recorde, o índice Dow Jones, que registra a movimentação da Bolsa de Nova York, fechou o pregão em queda de 0,58%.

"Em contraste, as bolsas americanas seguem pressionadas por indicadores de atividade mais fracos, assim como pelas incertezas sobre a política monetária e a imprevisibilidade do ambiente político nos Estados Unidos, fatores que reduzem o apetite por risco em Wall Street", analisou o economista Christian Larussi, da The Hill Capital.

Na B3, os ganhos, mais uma vez, se mostraram bem espalhados e consistentes entre as ações de primeira linha, mostrando um quadro em que, praticamente, só há compradores sem vendedores. "Contra fluxo não há resistência", lembra Luiz Roberto Monteiro, operador da mesa institucional da Renascença, ao comentar a "estilizada" do Ibovespa no fim do dia.

Segundo o economista Davi Leles, da Valor Investimentos, a valorização do Ibovespa em 2025

ocorreu apesar do cenário doméstico de juros elevados e de crescimento econômico moderado. "A gente está olhando para o Brasil, vendo juros de 15% ao ano e uma economia andando de lado e, mesmo assim, o Ibovespa não para de quebrar recordes", afirmou.

De acordo com Leles, um dos principais fatores é a chamada rotação global de portfólio, com investidores estrangeiros reduzindo exposição ao mercado dos Estados Unidos e ampliando posições em países emergentes. "O investidor estrangeiro está tirando dinheiro dos Estados Unidos e aumentando o apetite a risco em mercados emergentes", disse ele.

O especialista acrescentou que a maior volatilidade em Wall Street e tensões geopolíticas elevam a percepção de risco nos EUA, enquanto o Brasil passa a ser visto como alternativa relativa. "O estrangeiro olha para cá, vê que as ações estão muito baratas, principalmente em dólar, e compra, mesmo ignorando o cenário interno".

O economista também citou fatores políticos domésticos. Segundo ele, o mercado passou a precisar um cenário eleitoral mais disputado. "O estreitamento da diferença entre os principais candidatos sugere um pleito mais competitivo, o que, historicamente, leva o mercado a antecipar maior moderação e sinais de responsabilidade fiscal", avaliou.

Empresas "baratas"

Outro elemento apontado foi o nível de preço dos ativos. "As empresas brasileiras estão baratas quando se observam os múltiplos, especialmente bancos e grandes companhias", disse Leles. Para ele, o movimento atual reflete uma reprecificação. "O dinheiro está entrando não porque a economia real esteja forte, mas porque os ativos estão em níveis considerados baixos, com fluxo comprador estrangeiro suficiente para sustentar a alta mesmo com juros elevados."

Internamente, a instabilidade



A bolsa de valores brasileira nunca viu tanto dinheiro sendo movimentado em apenas uma semana: foram quatro recordes em cinco dias

177.856
PONTOS

é o novo recorde da B3, a
Bolsa de Valores brasileira



O estrangeiro olha para cá, vê que as ações estão muito baratas, principalmente em dólar, e compra, mesmo ignorando o cenário interno"

Davi Leles, economista

também segue devido às investigações ligadas ao escândalo do Banco Master. O Banco Central formalizou

a determinação para que o Banco de Brasília (BRB) faça uma provisão de R\$ 2,6 bilhões em seu balanço

financeiro. A medida tem como objetivo cobrir as perdas e mitigar os riscos decorrentes da aquisição de

carteiras de crédito sem garantia (lastro) junto ao Banco Master, instituição que foi liquidada pelo BC em novembro de 2025.

Nesta semana, o Banco Central decretou a liquidação extrajudicial da Will Financeira, ligada ao Banco Master. De acordo com a autarquia, a medida considerou o "comprometimento da situação econômico-financeira da instituição". (Com Agência Estado)

*Estagiário sob a supervisão de Vinicius Doria

UE pronta para implementar acordo com Mercosul



Ursula von der Leyen: UE pronta para aplicar o acordo "rapidamente"

A União Europeia (UE) está disposta a implementar um amplo acordo de livre-comércio com o Mercosul em caráter provisório, disse a chefe da comissão executiva do bloco, ontem, apesar da decisão do Parlamento Europeu de recorrer à Justiça para barrar a ratificação da união entre os dois blocos econômicos. A UE estará pronta para adotar a medida assim que, ao menos, um país do Mercosul aprove o tratado em seu respectivo Parlamento. As informações foram dadas pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, no encerramento de uma reunião de cúpula de líderes europeus, em Bruxelas.

"Há um interesse claro em garantir que os benefícios desse acordo sejam aplicados o mais rapidamente possível", disse von der Leyen, em uma entrevista à imprensa. "Em resumo, estaremos prontos quando eles (os países do

Mercosul) estiverem prontos."

Nenhuma decisão formal para implementar o acordo foi tomada, ainda, disse ela. Na mesma entrevista, António Costa, chefe do Conselho Europeu, reafirmou que a comissão executiva tem autoridade para avançar na implementação provisória do documento assinado em Assunção, na semana passada.

A decisão de implementar o tratado de livre-comércio provisoriamente, até que o tribunal europeu avalie os termos do documento, provocará críticas dos países que se opõem ao acordo, liderados pela França. Na quarta-feira, o Parlamento decidiu por poucos votos encaminhar o acordo comercial à Corte Europeia de Justiça para revisão legal, atrasando a ratificação, já que os eurodeputados não podem votá-la até uma decisão judicial, que pode levar de seis meses a dois anos.

Novos mercados

O acordo é fundamental para o plano de Bruxelas de formar relações comerciais fora de uma dependência histórica dos EUA. Com Donald Trump no poder, as relações dos EUA com aliados europeus se deteriorou e, nos últimos dias, atingiu seu ponto mais tenso, com as ameaças do presidente norte-americano de tomar a Groenlândia (que pertence à Dinamarca) à força.

A UE fechou acordos do Japão ao México e deve assinar tratado semelhante com a Índia no final do mês. Apoiado pelos países pecuaristas da América do Sul e pelos interesses industriais europeus, o acordo tem como objetivo eliminar gradualmente mais de 90% das tarifas sobre produtos que vão da carne bovina argentina aos carros alemães, criando uma das maiores zonas

de livre-comércio do mundo e tornando as compras mais baratas para mais de 700 milhões de consumidores.

A França, o maior produtor agrícola da Europa, queria proteções mais fortes para os agricultores e tentou adiar o pacto. No entanto, o chanceler alemão Friedrich Merz chamou a votação de adiamento de "lamentável" e pediu a aplicação provisória do acordo. A ratificação é considerada praticamente garantida na América do Sul, onde o pacto de livre-comércio tem amplo apoio.

O Mercosul é formado pelas duas maiores economias da região, Brasil e Argentina, além de Paraguai e Uruguai. A Bolívia, o mais novo membro do bloco, não está incluída no acordo comercial, mas poderá aderir nos próximos anos. A Venezuela foi suspensa do bloco e não está incluída no acordo.